

6. SIGNOS, SÍMBOLOS E SIGNIFICADOS

6.1. Planisfério de Ulm, na Alemanha, de 1482, inspirado no mapa-múndi da *Geographia* de Cláudio Ptolomeu, do século II a.C.

Assim como nos mapas-múndi modernos e contemporâneos, nos mapas-múndi ptolomaicos o Norte, o Ocidente, a Europa, era representado no topo do mapa e o Leste à direita, porque era onde se localizava a Grécia, ao contrário dos *Orbis Terrarum* medievais ou mapas “T/O”, que representavam o Leste, o Oriente, a Ásia, no topo do mapa, porque era onde se localizava Jerusalém, a “Terra Santa”.

A “(re)descoberta” da *Geographia*, de Cláudio Ptolomeu resolveu o problema dos homens da Renascença de como desenhar a superfície esférica da Terra sobre uma superfície plana: através da projeção cônica. Ptolomeu também representou pela primeira vez na cartografia os meridianos e os paralelos ou as longitudes e as latitudes, coordenadas em graus. O planisfério apresenta os 36 meridianos ou longitudes do Hemisfério Norte e do Hemisfério Sul, que, numa projeção contemporânea, convergiriam para baixo, para o Polo Sul, convergindo para o alto, para o polo Norte. E 21 paralelos, inscritos na margem direita do mapa-múndi.

Os paralelos também são denominados climas, que, em grego, significa inclinação. Quatro dos sete climas, ou zonas, com exceção de três, estão inscritos na margem esquerda do mapa. O clima I passava por *Meroe*, hoje Merowe, no Sudão, na África, localizada abaixo de Alexandria. O clima II passava por *Siena*, hoje Aswa, em Uganda, na África, localizada na linha do Trópico de Câncer ou Verão. O clima IV passava pela ilha grega de *Rodes*, onde se localizava o Colosso (uma estátua monumental) de Rodes, uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo. O clima VI passava por *Pontus* (*Ponto Euxino*, à beira do Mar Negro, também denominado *Mar Euxino*). A divisão da Terra em climas é sobrevivente da Teoria das Cinco Zonas, da Antiguidade, de Parmênides.

Também apresenta ainda figuras mitológicas como os doze ventos representados por anjos, denominados com o nome dos lugares onde sopram.

Os mapas-múndi ptolomaicos representavam um *continuuus* territorial entre a Ásia e a África – dividida em duas partes: a Líbia e a Etiópia, no Norte da África. A Península do Sudeste Asiático, no Extremo Oriente, era unida ao Sul da África, ainda desconhecido e denominado “Terra Incógnita”. Portanto, a África era um continente não-circunavegável – Bartolomeu Dias ainda não havia dobrado o “Cabo da Boa Esperança” –, e o Oceano Índico um “mar fechado” – Vasco Nunes Balboa ainda não havia “descoberto” e Fernão de Magalhães ainda não havia denominado o Oceano Pacífico –, como o Mar Mediterrâneo. Cláudio Ptolomeu derruba a teoria de outros cartógrafos gregos de que a Terra era circundada pelo Mar Oceano.

Além do Oceano Índico, ainda estão representados o Mar Báltico, o Mar Mediterrâneo, o Mar Negro, o Mar Cáspio, o Mar Vermelho, o Golfo Pérsico, o Mar da Arábia, o Golfo de Bengala, o Mar da China e o “mar aberto”, o Oceano Atlântico.

A Ilha mítica da Taprobana, hoje Sumatra, no Oceano Índico, é representada na mesma localização da Ilha do Ceilão, hoje Sri Lanka, à sudeste da Índia. Mas a Índia ainda não é representada com sua forma triangular – Vasco da Gama ainda não havia chegado à Índia. As Ilhas míticas Afortunadas, no Oceano Atlântico, são representadas na altura das Ilhas Canárias.

Na Europa, na Ásia e na África estão representadas várias cadeias de montanhas, vários rios – entre eles o Nilo e o Senegal –, e várias cidades, nomeadas.

6.2. Planisfério *Secunda Etas Mundi*, do *Chronicarum Líber* (Livro de Crônicas), de Hartman Schedel, de 1493

Outro exemplo de mapa ptolomaico é o mapa-múndi *Secunda Etas Mundi*, do *Liber Chronicarum* (Livro de Crônicas), mais conhecido como *Nuremberg Chronicle*, de Hartman Schedel, um cartógrafo de Nuremberg, na Alemanha, de 1493. O *Liber Chronicarum* foi uma obra de referência na Idade Média.

Hartman Schedel ainda desenha a projeção cônica de Cláudio Ptolomeu, apesar da ausência de meridianos e paralelos ou longitudes e latitudes, e dos climas.

O planisfério também representa figuras mitológicas como os doze ventos representados por anjos, denominados com o nome dos lugares onde sopram.

E o *continuus* territorial entre a Península do Sudeste Asiático, no Extremo Oriente, e o Sul da África, e o Oceano Índico como um “mar fechado”. Apesar de que, em 1493, Bartolomeu Dias já havia dobrado o Cabo da Boa Esperança e circunavegado o continente da África.

Estão representados também o Mar Mediterrâneo, o Mar Negro, o Mar Cáspio, o Mar Vermelho e o Golfo Pérsico.

Assim como no mapa-múndi de Ulm, na Alemanha, a Ilha mítica da Taprobana, hoje Sumatra, no Oceano Índico, é representada na mesma localização da Ilha do Ceilão, hoje Sri Lanka, à sudeste da Índia. Mas a Índia ainda não é representada com sua forma triangular – Vasco da Gama ainda não havia chegado à Índia. As Ilhas míticas Afortunadas, no Oceano Atlântico, são representadas na altura das Ilhas Canárias.

Na Europa, na Ásia e na África estão representadas várias cadeias de montanhas, vários rios – entre eles o Nilo, o Senagal, o Don, o Indo e o Ganges –, e várias cidades, nomeadas.

Mas o mapa-múndi já é um mapa medieval, portanto, em três de seus quatro cantos do mundo estão representados os três filhos de Noé que sobreviveram ao dilúvio, herdaram os três continentes e, portanto, representam as três raças conhecidas até então: *Sem*, o primogênito, o Oriente, o local da origem, a Ásia, e os semitas, *Cam* (Ham), o filho do meio, a parte do meio-dia, a África, e

os hamitas, e *Iaphet* (Jafé), o caçula, a região setentrional (Norte), a Europa, e os jaféticos.

E em sete quadros à esquerda estão representadas figuras monstruosas advindas dos *physiologus* antigos, como o de Plínio, “O Velho”, e dos bestiários medievais: um homem com seis braços, uma *mandrágora*, um monstro híbrido de vegetal e humano, um homem de joelhos com seis dedos nas mãos – “segundo Mandeville, existem seres que andam de joelhos ‘e tem VIII dedos em cada pé’”¹ –, um centauro, metade homem e metade cavalo, um andrógino ou hermafrodita, que possui os dois sexos e um seio feminino e outro masculino, um homem com um duplo par de olhos, com quatro olhos, e um homem ganso, com o corpo de humano, pescoço longo, e cabeça de ave, com bico.

¹ Claude KAPPLER. *Op. Cit.* p. 177.

6.3. Mapa “T/O” ou *Orbis Terrarum* no *Libri Sive XX Viginti* da obra *Ethimologiarum Originum*, de Santo Isidoro de Sevilha, do século VII

Um dos exemplos mais antigos de um mapa medieval *Orbis Terrarum* ou mapas “T/O”, se encontra no *Libri Sive XX Viginti*, do *Ethimologiarum Originum*, de Santo Isidoro (600 – 636), de Sevilha, na Espanha, do séc. VII. O título *Ethimologiarum* significa que Isidoro de Sevilha estudava a etimologia, a origem das palavras. O *Originum* consiste em 20 livros e um mapa-múndi, e também foi uma obra de referência na Idade Média.

A cruz no topo do mapa representa Jerusalém, a “Terra Santa”, que está localizada na Ásia. Portanto, os *Orbis Terrarum* ou mapas “T/O” medievais devem ser lidos com o Leste, o Oriente – de onde vem a palavra orientação, porque é a direção de onde o Sol nasce, o Nascente –, para cima, e não o Norte, o Ocidente, a Europa, como nos mapas-múndi modernos.

A letra “O”, um círculo, a forma perfeita, que simboliza a perfeição de Deus, representa o *Oceanus* (o Oceano), que circunda a Terra. O traço vertical da letra “T”, que simboliza a Cruz do Martírio de Cristo, representa o *Maremagii* (o Mar Mediterrâneo) – foi o próprio Isidoro de Sevilha quem batizou o Mar Mediterrâneo com esse nome, que significa “metade da Terra” –, porque separa a Europa da Ásia e da África, e os traços horizontais representam o rio *Tanis* (Don), que separa a Europa da Ásia, e o rio *Nilus* (Nilo), que separa a África da Ásia. Também está representado o Mar *Palus*, nome latino do Mar de Azov, parte do mar Negro.

Cada continente é representado com o nome bíblico de um dos três filhos de os três filhos de Noé, que sobreviveram ao dilúvio, herdaram os três continentes e, portanto, representam as três raças existentes conhecidas até então: *Sem*, o primogênito, o Oriente, o local da origem, a Ásia, e os semitas, *Cam* (Ham), o filho do meio, a parte do meio-dia, a África, e os hamitas, e *Iaphet* (Jafé), o caçula, a região setentrional (Norte), a Europa, e os jaféticos.



Mapa "TIO" ou Orbis Terrarum no *Libri Sive XX Viginti* da obra *Ethimologiarum Originum*, de Santo Isidoro de Sevilha, do século VII

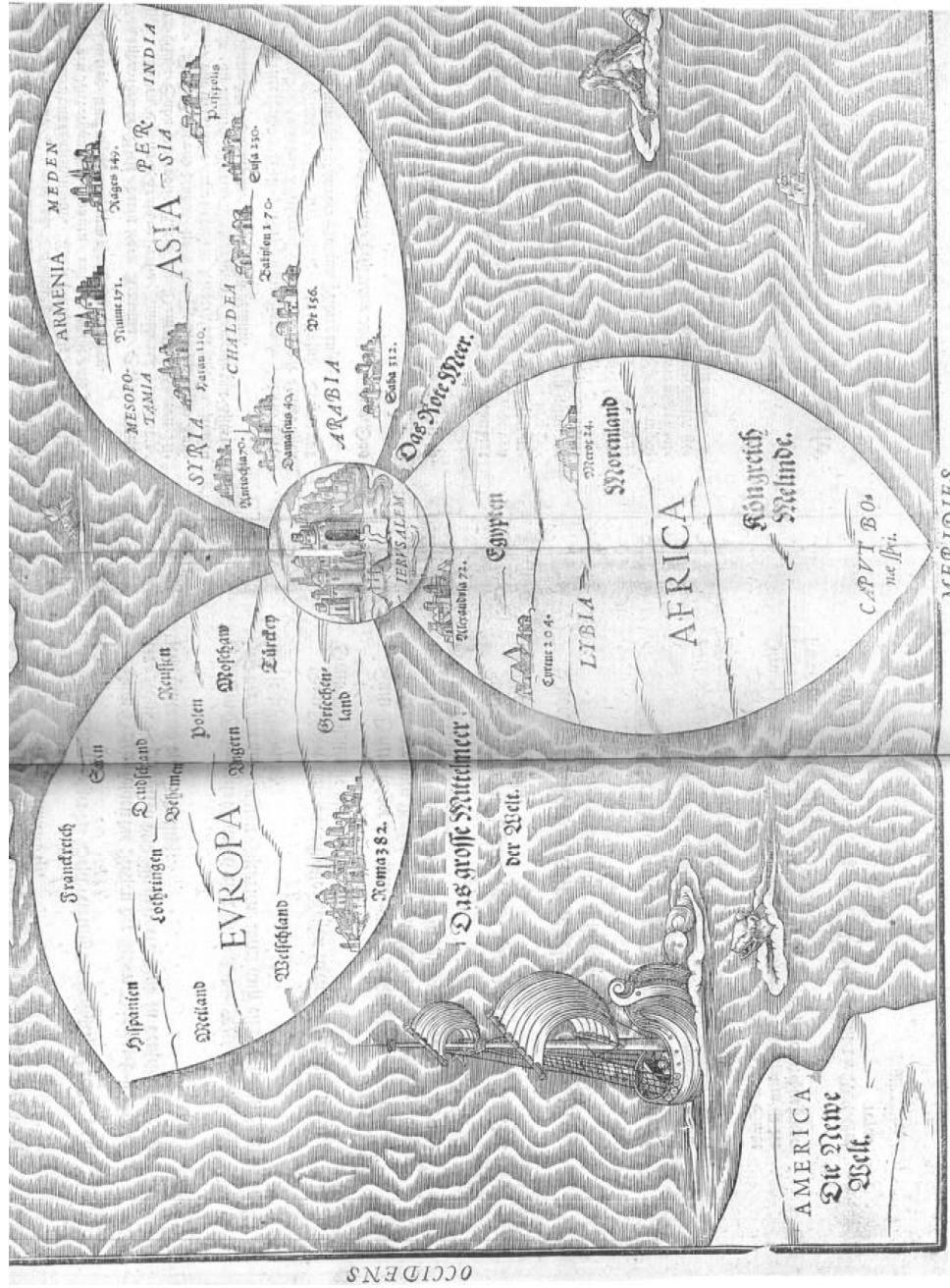
6.4. Mapa-múndi *Die Ganze Welt in Einem Kleberbat*, de Heinrich Bünting, de 1588

Outro exemplo de um mapa medieval *Orbis Terrarum* ou mapas “T/O”, é o mapa-múndi alemão *Die Ganze Welt in Einem Kleberbat* (O mundo todo em uma folha de trevo), de Heinrich Bünting, de 1588. Seu desenho é “anti-geográfico”, o mundo não está desenhado geograficamente, mas em forma de uma folha de trevo, símbolo do Brasão de Armas da cidade de Hannover, na Alemanha, cidade natal do cartógrafo Heinrich Bünting.

No miolo da folha de trevo, em forma de uma letra “O”, está representada Jerusalém, a “Terra Santa”, no centro do mundo. Em cada uma das três folhas do trevo, em forma de uma letra “T” estão representadas, à esquerda, a Europa, à direita, a Ásia, e abaixo, a África, e entre a Europa e a África, *Das grosse Mittelmeer der Welt* (o maior Mar Mediterrâneo da Terra), e entre a África e a Ásia, *Das Rote Meer* (o Mar Vermelho).

Mas o mapa-múndi já é um mapa moderno. Portanto, além de Jerusalém, outras cidades e nações importantes para os cristãos e para o comércio com o Mar Mediterrâneo, o Norte da África, e o Oriente estão representadas e nomeadas. Na Europa, a Espanha, a França, a Boêmia, na Alemanha, Zurique, na Suíça, a Grécia e Roma, na Itália. No Norte da África, Alexandria, no Egito, Siena hoje Aswa, em Uganda e Meroe, hoje Merowe, no Sudão. Na Ásia, as antigas Mesopotâmia, Babilônia, Ur e Haran, no atual Iraque, Damasco, na Síria, a Arábia Saudita, a Armênia, a Pérsia, e a Índia.

O “Cabo da Boa Esperança”, contornado por Bartolomeu Dias em 1488, e a América, *Die Neue Welt* (o Novo Mundo), “descoberta” em 1492, encimada por um caravela, já estão denominados. Mas nos oceanos Atlântico e Índico, recém-abertos, ainda estão representados monstros marinhos como a Serra – com cabeça de leão, corpo de peixe, e asas de pássaro, cujas escamas cortavam o fundo dos cascos das caravelas, afundando-as, e a sereia, metade peixe, metade mulher, que seduzia os navegadores com seu canto, e os atraía para o fundo do mar, matando-os afogados.



Mapa-múndi *Die Ganze Welt in Einem Kleberbat*, de Heinrich Bünting, de 1588

6.5. Mapa *Imago Mundi* da biblioteca do mosteiro beneditino de Ebstorf, na Alemanha, do século XIII

O mapa-múndi é denominado assim porque a cópia, feita pelas freiras em 1290, foi descoberta na biblioteca do mosteiro beneditino de Ebstorf, em 1830. O original seria um mapa-múndi feito por Gervase (1150 – 1228), de Tilbury, um condado de Essex, na Inglaterra, autor da obra *Otia Imperiala* (Império de Otto), de 1210, para o palácio de Lünenburg de Otto IV (1175 – 1218), duque de Brunswick-Lüneberg, coroado Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, em 1209. O mapa-múndi foi levado para o Historisches Verein für Niedersachsen (Museu da Sociedade Histórica da Baixa Saxônia), em Hanover, na Alemanha, onde, em 1943, foi destruído por um bombardeio da Segunda Guerra Mundial. As imagens a que temos acesso são de fotografias tiradas em 1891.

O mapa-múndi da biblioteca do mosteiro beneditino de Ebstorf, na Alemanha, do século XIII é um exemplo de um mapa medieval *Imago Mundi*. Os *Imago Mundi* são inspirados no desenho dos *Orbis Terrarum* ou mapas “T/O” medievais. A letra “O” representa o Oceano que circunda a Terra. O traço vertical da letra “T” representa o Mar Mediterrâneo, que separa a Europa da Ásia e da África, e os traços horizontais representam os rios Don, que separa a Europa da Ásia, e Nilo, que separa a África da Ásia. No ponto onde as três linhas se cruzam, no Centro do Mundo está localizada Jerusalém, a “Terra Santa”. Mas no *Imago Mundi* de Ebstorf, o Mundo é representado como a imagem do corpo de Jesus na Cruz. No topo do mapa – que deve ser lido com o Leste, o Oriente, a Ásia para cima, e não o Norte, o Ocidente, a Europa, como nos mapas-múndi modernos – está desenhada a cabeça de Cristo. Na parte de baixo, os pés. E nos lados esquerdo e direito, apontando para as direções Norte e Sul, os braços, como se Jesus Cristo estivesse abraçando o Mundo. O coração de Jesus é representado pela Sicília. E as veias sanguíneas são representadas pelos mares e rios.

O mapa-múndi é artisticamente decorado, o que significa que ele é um exemplo de “carta para príncipes”, que foi produzido para um Rei. Mas o seu valor histórico consiste em representar uma síntese de fontes da Antiguidade – como, por exemplo, os doze ventos representados nos mapas ptolomaicos, o romance a *Vida de Alexandre o Grande*, o *physiologus* de Plínio, “o Velho” –, e

da Idade Média – como, por exemplo, a Vida de Cristo do Antigo e do Novo Testamento da Bíblia, os monstros dos bestiários medievais e a hagiografia de São Brandão. Há vários textos escritos nos quatro cantos do mapa.

Os doze círculos vazios no Oceano representam os doze ventos. No Oceano também estão representados peixes.

A Europa está representada na parte de baixo do mapa, à esquerda, e não no topo como nos mapas-múndi modernos.

Na altura dos pés de Cristo, estão representados Portugal, com os rios Douro e Tejo, e a Espanha, com o rio Ebro, e os Pirineus. À esquerda, a França, com os rios Sena, Loire, Reno e Ródano, e a igreja de Notre Dame, em Paris. Abaixo, à esquerda, a Inglaterra e a Irlanda. A Escócia não está representada na Ilha da Grã-Bretanha, junto com a Inglaterra, mas com a Irlanda. Acima, à esquerda, a Alemanha, como rio Elba, e o palácio de Lünenburg, encimado pelo símbolo do Brasão de Armas da cidade, um leão. O Norte da Alemanha está apagado. Acima, à direita, a Rússia, e dois bisões (búfalos ou bois selvagens) europeus. Acima, o rio Don, que demarca os limites entre a Europa e a Ásia. À direita, Constantinopla. Abaixo, à direita, a Suíça e a Áustria, com os rios Reno, e Danúbio. À direita, a Itália, com os Alpes, a Roma antiga com 7 igrejas cercadas por uma muralha com 16 torres, e Veneza, no Mar Adriático. A Sicília, no Mar Mediterrâneo, está representada como uma ilha em forma de coração. Acima, à esquerda, a Península da Grécia.

A Ásia está representada no Norte, no topo do mapa, à esquerda, como nos *Orbis Terrarum* ou mapas “T/O” medievais.

À direita do rosto de Cristo está representada a terra das papoulas, com as quais se obtém o ópio. À esquerda as duas árvores da profecia, e Alexandre, “o Grande” consultando o Oráculo do Sol e da Lua. Abaixo, um homem que olha fixamente para o sol.

À direita, uma mulher manejando um arco e flecha demarca o país das Amazonas. As Amazonas eram uma tribo remanescente das sociedades matriarcais. Portanto, eram mulheres que governavam e guerreavam no lugar dos homens, para melhor manusear o arco e flecha, amputavam o seio direito. As Amazonas só mantinham relações sexuais para a procriação com estrangeiros, e criavam apenas as filhas que nascessem do sexo feminino, os filhos do sexo masculino eram entregues aos seus pais ou mortos.

À esquerda do rosto de Cristo, no Extremo Oriente, inacessível atrás de uma cadeia de montanhas, está representado o Jardim do Éden, no “Paraíso Terrestre”, com Adão e Eva, nus, a árvore da vida, recheada de maçãs, protegida por uma serpente enrolada em seu tronco, os quatro rios do Paraíso, e a árvore do conhecimento. Abaixo, à esquerda, está localizada a China, cercada pelas montanhas, e acima, à direita, dois chineses recolhendo bichos-da-seda. Abaixo, no vale superior do Rio Ganges, está representado um membro do tribo *Apple Smellers* (Cheiradores de Maçã), que sobrevivem apenas inalando a fragrância dessa fruta, os *ástomos*, que tem astomia, que não tem boca. À esquerda, as Montanhas do Cáucaso. O retângulo cercado por uma muralha é a terra dos homens de Gog e Magog, predestinados a destruir a cristandade. A muralha foi construída por Alexandre, “o Grande”, para proteger a cristandade. Embaixo da mão esquerda de Cristo, estão representados os altares flamejantes de Alexandre, “o Grande”. Acima, à direita, está localizado o Monte Arat, com a Arca de Noé encaçada. Abaixo, o Bonaco, o bisão asiático. À direita está representada a Torre de Babel, na Mesopotâmia. Abaixo, um camelo com duas corcovas, que deveria estar representado no deserto do Saara, mas que era utilizado nas rotas-da-seda para a China. À direita, na Galiléia – região da Palestina em que Jesus pregou sua doutrina –, no Centro do Mundo, está representada Jerusalém, a “Terra Santa”, e Jesus ressuscitando do Túmulo – que foi descoberto durante as Cruzadas – com o santo Sudário (véu com que, na Antiguidade, se cobria a cabeça dos mortos). Abaixo, Belém. À direita, Meca. À direita, as cidades de Sodoma e Gomorra, com as ondas do Mar Morto curvando sobre elas. Acima, o Monte Sinai, e a fênix ressuscitando das cinzas. É importante ressaltar que, enquanto na Europa estão representadas muitas igrejas cristãs, na Ásia estão representadas muitas mesquitas muçulmandas.

A África está representada à direita do mapa, em forma de um semicírculo, com sua costa Norte se estendendo em linha reta, desde o Oceano Índico, passando pelo Mar Mediterrâneo, até o Oceano Atlântico. À direita do pé direito de Cristo, estão representadas vários entrepostos de ouro e marfim no Norte da África, que realizavam um comércio com as principais cidades do Mar Mediterrâneo. Acima, na Líbia estão representadas Hipona e Cartago.

À direita, há um círculo protegido por uma serpente enrolada com várias árvores que representa o “Jardim das Hespérides”, a antítese pagã do Jardim do

Éden, onde as árvores davam ouro. Hespéride vem da raiz grega *hesper*, que significa “lugar onde o sol se põe”, Ocidente, porque a “Ilhas das Hespérides” ficava localizada no Oceano Atlântico, perto dos Montes Atlas, no Norte da África. As Hespérides são confundidas com as Amazonas.

Acima há um retângulo que representa a “Ilha Perdida”, onde São Brandão descobriu o “Paraíso Terrestre”. Acima, no curso do Rio Nilo, estão representadas as cidades de Alexandria, no Egito, Meroe e Siena. Na altura da Etiópia, está representado o Reino de Preste João com seu palácio. Na Europa, o continente conhecido, não está representado nenhum animal mítico ou homem monstruoso, ao contrário do Extremo Oriente, na Ásia, e do Sul da África, ainda desconhecidos, onde estão representados animais selvagens como leões, panteras, lagartos e serpentes, míticos como bodes, dragões, grifos, e a *saiga* – um antílope cujos chifres eram extremamente valorizados pelos chineses devido às suas propriedades medicinais –, e homens monstruosos com chifres, rabo, um único braço unido à boca, e um único olho no meio da testa, os *ciclopes*.



Mapa *Imago Mundi* da biblioteca do mosteiro beneditino de Ebstorf, na Alemanha, do século XIII

6.6. *Atlas Catalão*, de Abraão Cresques, de 1375

Abraão Cresques foi um cartógrafo judeu que trabalhou em Palma, na Ilha de Maiorca, que se tornou um cartógrafo real do Rei de Espanha, devido a excelente reputação dos cartógrafos da “escola” portulana catalã-maiorquina. O original foi encomendado pelo Rei Pedro IV de Aragão, para dar de presente ao seu filho, o Infante D. João, futuro Rei D. João I, uma cópia foi encomendada pelo Rei Pedro IV de Aragão, para dar de presente para o Rei Carlos V da França. Portanto, é um exemplo de “carta para príncipe”, artisticamente decorada.

As cartas-portulanos tinham uma finalidade prática, voltada para a navegação costeira mediterrânica, mas o *Atlas Catalão* não representa apenas as costas e os portos do mar Mediterrâneo. Além de representar o interior dos continentes, ele ultrapassa as fronteiras do Mediterrâneo e representa também o Oceano Índico, como um mar aberto – Abraão Cresques viveu no tempo em que a *Geographia* de Cláudio Ptolomeu, que representa um *continuuus* territorial entre o Sul da África e a Península do Sudeste Asiático, ainda não era conhecida no Ocidente –, e o Extremo Oriente, baseado nas informações do *Livro de Marco Polo*. Portanto, o *Atlas Catalão* é considerado um monumento da cartografia medieval pela extensão da representação da Terra, e um exemplo do alargamento da carta-portulano mediterrânica para o mapa-múndi moderno.

O *Atlas Catalão* foi desenhado em 12 painéis de madeira cobertos com pergaminho.

Nos primeiro e segundo painéis estão desenhados dois círculos, e uma figura humana à esquerda de um texto que descreve a Criação do Mundo, a formação dos quatro elementos (a terra, a água, o fogo e o ar), a forma da Terra e a sua geografia. O primeiro círculo representa um calendário lunar de 30 dias com informações sobre as marés. O segundo representa um calendário das festas móveis, festas religiosas que são celebradas a cada ano em uma data diferente, porque dependem do dia em que cai o domingo de Páscoa.

Nos terceiro e quarto painéis está representada uma roda astrológica e astronômica, com vários círculos concêntricos. No círculo central, está representada a Terra, e um astrólogo/astrônomo segurando um astrolábio. Nos círculos seguintes estão representados os outros três dos quatro elementos (a água,

o fogo, e o ar), os sete planetas, a Lua e o Sol, os doze signos do zodíaco, as quatro estações do ano, as fases da lua, e a divisão do círculo em 360 graus. Nos quatro cantos do Mundo, estão personificadas e feminizadas as quatro as estações do ano, segurando rolos de papel pergaminho, cujos textos descrevem as datas de início e término, o tempo de duração dos dias, e os signos do zodíaco correspondentes.

Os oito últimos painéis formam o mapa-múndi. Nota-se que o *Atlas Catalão* foi desenhado para ser lido na horizontal, como uma cartas-portulanos em uma mesa de um navio.

A Europa já está representada com precisão. Em Portugal e na Espanha estão representadas a cidade de Toledo, circundada pelo rio Tejo, as cidades de Sevilha, Córdoba e Granada, e o rio Ebro. Na divisa da Espanha com a França as montanhas dos Pirineus. Acima, na França, o rio Loire, o rio Sena e a cidade de Paris, e o rio Ródano. Acima, a ilha da Grã-Bretanha e a da Irlanda. Ao lado, o Mar Báltico, a Dinamarca, o Reino acastelado da Noruega, e a Suécia. Ao lado, a Finlândia e a cidade de São Petesburgo, na Rússia. Abaixo, na Alemanha, os rios Reno e Elba, e a cidade de Praga. Abaixo, os Alpes Suíços e o rio Danúbio. Abaixo, as ilhas de Córsega e Sardenha, no Mar Mediterrâneo. Ao lado, a bota da Itália, a cidade de Roma, e a Sicília. Ao lado, a cidade de Veneza, no Mar Adriático. Ao lado, os Montes Cárpatos. Abaixo, a Península da Grécia e a Ilha de Creta. No Mar Negro, a cidade de Constantinopla, e o rio Don, que delimita os limites da Europa com a Ásia. Mas a “Ilha Brasil” ainda aparece representada, na altura da Irlanda, no Oceano Atlântico.

No Norte da Ásia, está representado o Rei da Tartária. À direita, “de cabeça para baixo”, uma caravana de mercadores chineses, que cruzam a Rota da Seda, em direção à China, montados em cavalos, tendo a frente homens a pé que conduzem camelos carregados de mercadorias. O último dos mercadores chineses montados em cavalos dorme, e, atrás, está escrito um texto retirado de *O Livro de Marco Polo*, que diz: “quando acontece de um homem cair no sono em cima de seu camelo durante o trajeto noturno e se perder, ele é chamado pelo nome pelo demônio (cuja voz ele confunde com a de seus companheiros), que o guia em direção ao deserto, de forma que ele nunca mais consegue achar seus companheiros”. À direita uma cena de um funeral asiático, onde um homem crema um idoso morto, e outros três tocam instrumentos musicais. Segundo

Marco Polo, na Ásia, quando um homem idoso morria, ele era cremado e em seu funeral eram tocados instrumentos musicais, em vez de tristeza, alegria. Abaixo, dois homens, que matam um pássaro, à procura de diamantes, nas montanhas do Casaquistão, cujas fendas são habitadas por serpentes. À esquerda há um texto retirado de *A Vida de Alexandre, o Grande*, que diz: “já que eles não podiam entrar entre as montanhas onde os diamantes estavam, eles engenhosamente jogavam pedaços de carne no lugar onde as pedras estavam, e as pedras aderiam a carne: então os diamantes que eram atachados aos pedaços de carne eram carregados pelos pássaros e assim obtidos pelo homem”.

À direita, no Extremo Oriente, estão representados os homens de Magog, acastelado pela muralha construída por Alexandre, “o Grande”, que seguem Gog, montado em um cavalo, e seguram bandeiras dos tártaros. À direita, uma cena da Adoração de Cristo. No século XIV, houveram Missões de franciscanos à Ásia, e algumas fontes do *Atlas Catalão* são originárias de histórias contadas por esses frades. Abaixo, “de cabeça para baixo”, Alexandre, “o Grande” e o diabo, que vem em seu socorro para ajudá-lo na prisão dos tártaros Gog e Magog. À esquerda, as duas estátuas de bronze de homens que tocam trompetes erguidas por Alexandre, “o Grande”. Segundo uma lenda medieval, o som do vento que sopra por dentro do trompete amedronta e afasta os tártaros. Abaixo, uma luta entre pigmeus, homens pequenos, que viviam na Ásia, e gruas, pelo ouro.

À direita, na China, está representado o Império do *Catayo* (a China), seu imperador Kublai-Khan, neto de Gengis-Khan, e sua capital, *Chambaleth* (Pequim), onde, segundo uma outra inscrição retirada de *O Livro de Marco Polo*, “em uma torre alta está pendurado um grande sino, que toca na hora do anoitecer e do amanhecer. Quando acaba, ninguém mais entra na cidade, que é guardada em cada portão por milhares de homens, em honra do soberano”. Nota-se que a Península do Sudeste Asiático não está representada. À direita, no Mar da China, as 7.548 ilhas ricas em ouro, prata, pedras preciosas, pérolas e especiarias, habitadas pelos *anthropophagi*, selvagens que vivem nus, comem peixe cru, e bebem água salgada.

Abaixo, no Oceano Índico, a Ilha de “Taprobana” (o Sumatra). À esquerda, uma sereia, que, de segundo uma lenda medieval, tem duas caudas. À esquerda, a Ilha de Iana (Java ou Bornéu), representada na localização do Ceilão (o Sri Lanka). À esquerda, um junco de bambu navegado por um chinês. À

esquerda, a Índia já está representada com sua forma triangular, apesar da ausência dos rios Indo e Ganges. Na Península da Índia, o Rei cristão *Stephen* (João), e a cidade de Colombo, deslocada do Sri Lanka. A existência de um rei cristão no Mundo islâmico é difundida pela carta do Preste João das Índias, e pela localização do Túmulo de São Tomé na Índia. Acima, à direita, o Rei hindu de *Vijayanagar*. Acima, o Rei *Chabeh*, de *Emalech*. À esquerda, um homem guiando um elefante carregando mercadorias. À esquerda, o Rei de Deli.

Acima, no Oriente Médio, estão representados os três reis magos, carregando presentes, seguindo a estrela, a caminho de Belém. Acima, o Monte Amal, no Badaquistão, Norte do Afeganistão, onde nasce o rio Oxus, que deságua no Mar Cáspio. No Golfo Pérsico, pescadores de pérolas, recitando encantos mágicos dos Brahmas, que afugentam os peixes. Acima, um junco de bambu navegado por dois chineses. Entre o Golfo Pérsico e o Mar Cáspio está representado o Rei de Táuris. À esquerda, os rios Tigre e Eufrates. À esquerda, a Torre de Babel. Acima, a Arca de Noé no Monte Arat. Acima, no Mar Cáspio, um junco de bambu navegado por um chinês. À esquerda, Jerusalém. Abaixo, a Ilha de Chipre. À direita, o Mar Morto. Abaixo, o Mar Vermelho, denominado assim devido à cor vermelha do fundo do mar, cortado ao meio em uma alusão a passagem miraculosa de Moisés. Na Arábia Saudita, entre o Golfo Pérsico e o Mar Vermelho, a Rainha de Sheba, mencionada no Antigo Testamento e no Alcorão, que visitou o Rei dos Hebreus, Salomão, em Jerusalém, segurando um disco de ouro, simbolizando sua riqueza. À esquerda, um muçulmano rezando voltado para Meca.

O que se conhece da África é apenas o Norte da África, a costa mediterrânica, o *Magreb* (o Marrocos, o deserto do Saara, e a Líbia), e a costa atlântica até a Madeira e as Ilhas Canárias. No Oceano Atlântico, um junco de bambu navegado por quatro chineses. À direita, um texto que descreve a partida da viagem do catalão Jaime Ferrer em direção ao Sul do Cabo Bojador em busca do “rio do Ouro”, em 1346. O Atlas Saariano está representado na forma da pata de uma ave, com três garras. Abaixo, várias tendas árabes. À direita, um berbere (um habitante da antiga Barbaria Norte-Africana: o Marrocos, a Líbia, o Egito e o deserto do Saara) montando um camelo. À direita, no Saara, o Rei negro *Musse Melly* (Mansa Musa), Rei de Mali, na região da Guiné, segurando um disco de ouro, que simboliza o ouro encontrado em suas terras. Em sua peregrinação a

Meca, para expandir a religião muçulmana, visitou o Cairo, no Egito, onde encontrou mais ouro. À direita, um homem negro conduzindo outro camelo pelo deserto do Saara. Os camelos eram utilizados para o comércio transaariano porque ficam dias sem beber água. À direita, o Rei de Organa, de bata e turbante, segurando uma espada oriental e um escudo, um sarraceno (um nômade pré-islâmico) em guerra contra os muçulmanos. À direita, um elefante, na África Sub-Saariana, de onde vem o marfim. À direita, o Imperador da Etiópia ou o Preste João. À direita, o Rei da Núbia (Egito), de bata e turbante, em guerra contra os cristãos núbios, que seguiam o Imperador da Etiópia ou o Preste João. À direita, o rio Nilo.



Atlas Catalão, de Abraão Cresques, de 1375

6.7. Planisfério de Henricus Martellus, 1489

Henricus Martellus foi um cartógrafo de Nuremberg, na Alemanha, que trabalhou em Florença, na Itália, onde produziu o seu mapa-múndi, em 1489.

O mapa-múndi é emoldurado em ouro.

O mapa-múndi de Henricus Martellus é o primeiro a apresentar a África como circunavegável – o navegador português Bartolomeu Dias já havia dobrado o Cabo da Boa Esperança, em 1487 – e, portanto, o Oceano Índico como um mar aberto. Nota-se a importância desse feito, pelo fato da África ser o único continente que tem a costa mediterrânica e atlântica Norte nomeada.

Mas Henricus Martellus ainda utiliza a projeção cônica de Cláudio Ptolomeu, e representa o Sul da África deslocado para o Leste, e o Sudeste Asiático deslocado para o Oeste – um resquício do *continuuus* territorial entre a África e a Ásia nos mapa-múndi ptolmaicos. Qual seria o objetivo dessa extensão da África Austral para a direita?

A península denominada de “Pata do Tigre” – de onde vem a expressão “Tigres Asiáticos” – foi introduzida no mapa-múndi de Henricus Martellus, *a posteriori*, pelo cartógrafo Bartolomeu e o navegador Cristóvão Colombo. Os portugueses já sabiam que Marco Polo havia retornado para a Europa de sua viagem à China através da rota marítima entre os oceanos Índico e Atlântico. Mas foram os irmãos Colombo – que haviam se mudado de Lisboa, em Portugal, para Sevilha, na Espanha –, que desenharam esse obstáculo, para que a travessia do Oceano Índico até as Ilhas Molucas, por navios árabes, juncos chineses e caravelas portuguesas parecesse impossível. Assim, os espanhóis alcançariam as ilhas das especiarias sem nenhuma interferência estrangeira.

Não há representação no interior dos continentes, a não ser as montanhas na cor ouro, os oceanos Ocidental (o Oceano Atlântico), Índico e Superior (o Oceano Ártico), os mares Mediterrâneo, Negro, Cáspio, Vermelho e da China, os golfos Pérsico e de Bengala, e os principais rios da Europa, da Ásia e da África, entre eles o Rio Nilo em azul, e as florestas da Escandinávia (a Suécia, a Noruega, a Islândia e a Dinamarca, no Norte da Europa) em verde.



Planisfério de Henricus Martellus, 1489

6.8. Mapa-múndi português anônimo *De Cantino*, de 1502

Um exemplo de carta que infringiu a política de sigilo é o mapa-múndi anônimo *De Cantino*, de 1502. Uma inscrição em latim no verso do mapa-múndi – *Carta de navigar per le Isole nouam trovate in le parte de India: dono Alberto Cantino al S. Duca Hercole* (Carta de navegar pelas ilhas recém descobertas na parte da Índia: dada por Alberto Cantino ao Sr. Duque Ercole) – revela que o mapa-múndi é uma cópia do “Padrão Real” de Portugal, encomendada pelo Duque de Ferrara, Ercole D’Este, ao seu espião em Lisboa, Alberto Cantino. Cantino, por sua vez, encomendou a carta a um outro cartógrafo, talvez italiano – já que, à época, havia muitos cartógrafos italianos trabalhando como copistas em Lisboa –, ou até mesmo português, mas cujo nome não revela. Alberto Cantino fala de negócio (*pacto facto*, negócio fechado).²

Alberto Cantino pagou ao cartógrafo em Portugal 12 ducados, mas recebeu de Francisco Catanio, intermediário da Casa D’Este em Gênova, 20 ducados de três libras cada um. Mas Cantino justifica o embolso de 8 ducados de diferença: *“Il che humildimente a V.S. respondendo aviso, che dicta Charta lassai in genoa a dicto messer Francesco Catanio et da lui hebbi Ducati vinte striti, cioè de libre ter ciascuno. Vero è che dicta Charta in portogallo a me de pacto facto mi costo Ducati dodice d’oro in oro* (Eu humildemente respondo à advertência de V.S., que a dita Carta entregue em Genova ao dito mensageiro Francisco Catanio pela qual recebi exatos vinte ducados, que estes eram de três libras cada um. A verdade é que a dita Carta em Portugal me custou de negócio fechado doze ducados de ouro em ouro)”.³

O planisfério é artisticamente decorado, o que significa que é um exemplo de “carta para príncipe”.

O planisfério *De Cantino* não representa meridianos e paralelos ou longitudes e latitudes. Mas é graduado através de um sistema de 21 rosas-dos-ventos de 32 rumos, apontando para o Norte, em forma de uma flor-de-lis, e para

² Cf. Fernando Lourenço FERNANDES. *O Planisfério De Cantino e o Brasil. Uma introdução a Cartologia Política dos Descobrimento e o Atlântico Sul*. Lisboa: Academia de Marinha, 2003.

³ *Idem. Ibidem.* p. 52.

o Leste, em forma de uma cruz, indicando a direção de Jerusalém, a “Terra Santa”. Além de seis troncos de léguas.

A Linha do Equador, em dourado, os dois Trópicos, de Câncer ou Verão e Capricórnio ou Inverno, e o Círculo Polar Ártico, em vermelho, estão representados. Uma inscrição sobre o Tratado de Tordesilhas, em azul, demarca que *Este he o marco dentre Castella e Portugall*.

O mapa-múndi é o primeiro que representa a chegada de Vasco da Gama à Índia – que é representada com sua forma triangular –, e a “descoberta” do Brasil – que representado pela primeira vez na cartografia – por Pedro Álvares Cabral, em 1500.

O litoral da Europa aparece todo nomeado. As ilhas dos Açores estão representadas. Estão representadas bandeiras de Portugal – um escudo azul com cinco bolas brancas em forma de cruz, sobre um fundo vermelho com sete castelos amarelos. A cor azul e a forma de cruz representam o Brasão de Armas de Henrique de Borgonha utilizado nas Cruzadas, as cinco bolas brancas em forma de cruz simbolizam as cinco chagas de Cristo na Cruz, e representam a vitória sobre os muçulmanos de D. Afonso Henriques, o Rei Afonso I, primeiro Rei de Portugal, a cor vermelha representa o sangue dos portugueses derramado na guerra da Reconquista, e os sete castelos amarelos representas as sete cidades fortificadas tomadas aos mouros na Conquista do Algarve –, dos reinos de Leão e Castela, na Espanha, uma bandeira branca com uma cruz vermelha, da Cruz de São Jorge, da Inglaterra, uma bandeira branca com uma cruz vermelha, da Cruz de São Patrício, da Irlanda, e uma bandeira branca com a cruz amarela, da Cruz de Santo André, da Escócia. A única cidade representada na Europa é Veneza, no Mar Adriático, com bandeiras azuis e vermelhas com uma lua crescente, do Império Turco Otomano, assim como em Constantinopla, entre o mar Mediterrâneo e o mar Negro. O Mar Báltico está representado em azul.

A única cidade representada na Ásia é Jerusalém, a “Terra Santa”, um resquício dos *Orbis Terrarum* ou “T/O” medievais, com bandeiras muçulmanas. O Mar Vermelho está representado em vermelho e o Golfo Pérsico em azul. Na Índia há duas bandeiras portuguesas, uma em Goa, a capital do Império Português do Oriente, e a outra em Calicute, significando a chegada de Vasco da Gama, e a posse de Portugal da Índia. As ilhas do Ceilão (o Sri Lanka) e a Taprobana (Sumatra) estão representadas. Na Península do Sudeste Asiático, estão

representadas bandeiras árabes. O *Oceanus Orientalis*, o Oceano Pacífico, está representado pela primeira vez na cartografia, entre a Ásia da América.

Na África, as ilhas da Madeira e de Cabo Verde estão representadas com bandeiras de Portugal. As Ilhas Canárias estão representadas com uma bandeira dos reinos de Leão e Castela. No litoral mediterrânico estão representadas bandeiras árabes, com exceção de Ceuta, até a altura do Cabo Bojador. No litoral ocidental e oriental até a altura do Mar Vermelho da África, estão representados bandeiras e padrões (cruzes) portugueses. A Torre de Babel, na Babilônia, encimada por uma bandeira árabe, aparece representada no Egito, no Norte da África, apesar da ausência do rio Nilo. Abaixo, os Montes Claros. Abaixo, Serra Leoa, representada por um leão em dourado, segurando uma bandeira de Portugal encimada por uma da Ordem da Cruz de Cristo. Na região da Guiné, estão representados quatro papagaios e quatro araras, que simbolizam a presença de ouro, além de habitantes negros. A Fortaleza de São Jorge da Mina também está representado. A Ilha de Madagascar aparece representada pela primeira vez na cartografia.

No Brasil, estão representadas três araras vermelhas, que simbolizam a presença de ouro. A árvore do pau-brasil, diferente das árvores da África e da Terra Nova (Canadá), está representada em verde. Os rios estão representados em azul. A Ilha da Quaresma (Fernando de Noronha) também está representada. E o Rio de São Francisco, a Baía de Todos os Santos, e Porto Seguro. Duas bandeiras de Portugal estão representadas, uma na altura da Ilha de Fernando de Noronha, demarcando os limites das Américas portuguesa e espanhola, e outra na altura de Porto Seguro, onde os portugueses aportaram no Brasil depois de “descoberto”.

Na América Espanhola, há três bandeiras dos reinos de Leão e Castela e uma inscrição que diz: *Toda esta terra he descoberta per mandato del Rey de Castella* (Toda esta terra foi descoberta por mandado do Rei de Castela).

Nas Antilhas, *Las Antilhas del Rey de Castella*, as “índias Ocidentais” de Cristóvão Colombo, estão representadas as ilhas de Isabela (Cuba) e Hispaniola (o Haiti e a República Dominicana), encimada por uma bandeira dos reinos de Leão e Castela.

A ponta da Flórida já aparece representada, apesar da Flórida só ser descoberta, por Ponce de Leon, em 1513.

A Groenlândia, descoberta pelos portugueses, está representada com duas bandeiras de Portugal. A Terra Nova (o Canadá) também é *Terra del Rey de Portugall*, e está representado com duas bandeiras portuguesa.

6.9. Planisfério *Universalis Cosmographia secundum Ptholomei Traditionem et Americi Vespucci aliorum Lustrationes*, na introdução *Cosmographia Introductio*, da edição da *Geographia*, de Cláudio Ptolomeu, de Martin Waldseemüller, de 1507

O geógrafo e cartógrafo Martin Waldseemüller nasceu em Freiburg, na Floresta Negra, na Alemanha, na fronteira com a França, onde, em St. Dié, foi professor de geografia, e membro de um grupo de intelectuais que estudavam a cartografia dos descobrimentos marítimos ibéricos. Waldseemüller desenhou o seu mapa-múndi *Universalis Cosmographia secundum Ptholomei Traditionem et Americi Vespucci aliorum Lustrationes* (Cosmografia Universal segundo a tradição ptolomaica e as viagens em outra direção de Américo Vespúcio), e escreveu a sua introdução *Cosmographia Introductio*, da edição da *Geographia*, de Cláudio Ptolomeu, de 1507, em Strassburg.

No alto do mapa há dois retratos: um do cosmógrafo alexandrino Cláudio Ptolomeu, segurando um quadrante, e outro de Américo Vespúcio, segurando um compasso, e os dois hemisférios do Globo em miniatura, um representando os três continentes conhecidos na Antiguidade de Ptolomeu, e o outro a *Quarta Orbis Pars* descoberta por Vespúcio no Renascimento.

Martin Waldseemüller considerava a redescoberta da *Geographia* de Ptolomeu o fato mais importante do Renascimento para o descobrimento da América por Américo Vespúcio. Portanto, em seu mapa-múndi, Waldseemüller ainda utiliza a projeção cônica ptolomaica, que representa os meridianos e os paralelos ou as longitudes e as latitudes denominadas de climas, e apresenta figuras mitológicas como os doze ventos simbolizados por anjos, designados com o nome dos lugares onde sopram, na moldura do mapa-múndi. Os Trópicos de Câncer ou Verão e de Capricórnio ou Inverno e a Linha do Equador também aparecem representados.

Martin Waldseemüller denominou, pela primeira vez na cartografia, as terras descobertas do outro lado do Oceano Atlântico, o “Novo Mundo”, de “América”, em homenagem ao seu descobridor, Américo Vespúcio. Mais de quatro anos já haviam decorrido desde que Vespúcio havia escrito sobre a descoberta da “Quarta Parte da Terra”, em 1503, mas o quarto continente,

separado da Ásia, ainda não havia sido denominado. Ignorando o “descobrimento” da América, mas não o das “Índias Ocidentais”, a “Quarta Península da Ásia”, por Cristóvão Colombo, Waldseemüller escreveu na região do Caribe: “essas ilhas foram descobertas por Colombo, um almirante de Gênova, sob o comando do Rei de Castela”.

Mas a América ainda é representada com uma forma filiforme – semelhante a do planisfério português anônimo *De Cantino*, de 1502 –, porque, em 1507, o que os descobridores ibéricos conheciam do “Novo Mundo” era apenas as ilhas das “Índias Ocidentais”, no Caribe, e o litoral da costa ocidental do Oceano Atlântico, o Brasil.

No Caribe, estão representadas a *Isabella* (Cuba) e a *Spagnolla Insula* (o Haiti e a República Dominicana), encimada por uma bandeira dos reinos de Leão e Castela.

Na América Espanhola, há uma inscrição que diz *Tota ista provincia inventa est per mandatum Regis Castelle* (Toda esta província foi descoberta por mandato do Rei de Castela). A Conquista do Peru, por Francisco Pizarro, só iria se dar em 1532. Portanto, a costa Oeste da América do Sul, ainda não descoberta, delimitada pela Cordilheira dos Andes, é *Terra Ultra Incognita*.

O Brasil está representado por um papagaio, de onde vem o apelido de “Terra Papagali”. Na foz do Rio Grande, o Rio Amazonas, a água do mar é doce. Abaixo, há uma inscrição indicando a presença de canibais. O Rio São Francisco também aparece nomeado. Assim como várias cidades do litoral. Na altura do Monte Pascal e de Porto Seguro, há uma caravela portuguesa. No Sul do continente, está representada uma bandeira de Portugal.

A América do Norte, desde o México – 11 anos antes da Conquista do México por Hernán Cortés, em 1518 – até a costa Leste, passando pela Flórida – 6 anos antes da descoberta por Ponce de Leon, em 1513 –, já aparece representada, delimitada por duas bandeiras dos reinos de Leão e Castela. A costa Oeste, ainda não descoberta, delimitada pelos Montes Apalaches, é *Terra Ulteri Incognita*. A América do Norte aparece separada da América do Sul por um canal que liga os oceanos Atlântico e Pacífico, 407 anos antes da abertura do Canal do Panamá, em 1914.

Martin Waldseemüller também representa o Oceano Pacífico, 6 anos antes de Vasco Nunez Balboa atravessar o istmo do Panamá e descobri-lo, em 1513.

Mas a intenção de Waldseemüller não era descrever a descoberta do Oceano Pacífico. Os navegadores ibéricos não procuravam uma nova terra, nem um novo oceano, mas uma nova rota, marítima, e não terrestre, para “as Índias”, e para a China, o *Cathay* do *Livro de Marco Polo*. Martin Waldseemüller apenas concluiu que Cristóvão Colombo e Américo Vespúcio não encontraram nas “Índias Ocidentais” e na América, nada que se assemelhasse ao que conheciam do Oriente: nenhuma cidade, como *Chambaleth* (Beijing), e nenhuma seda. Portanto, ele insere um outro oceano entre os oceanos Atlântico e Índico para afirmar que a América era um continente separado da Ásia, um “Novo Mundo”. Waldseemüller também representa o Japão, o *Cipango* da *Descrição do Mundo* de Marco Polo, uma civilização tão antiga e rica quanto o *Cathay*, à Leste da China, 35 anos antes da chegada dos portugueses.

Na Ásia, a Índia ainda não aparece representada com sua forma triangular – apesar da chegada de Vasco da Gama, em 1498 –, e a Península do Sudeste Asiático ainda é desenhada com a forma de uma “Pata do Tigre”, como no mapa-múndi de Henricus Martellus, de 1489. Acima do mar Cáspio, na região da Tartária, há várias bandeiras dos tártaros ou mongóis. No litoral ocidental asiático, há várias bandeiras árabes, indicando a posse do monopólio do comércio do Oceano Índico. Mas na costa oriental da Ásia, já há várias bandeiras portuguesas com a Cruz da Ordem de Cristo, indicando a presença de Missões com o objetivo de expandir a fé cristã pelo Oriente.

O Oceano Índico aparece povoado com quase as 7.548 ilhas do *Livro das Maravilhas* de Marco Polo. Várias ilhas estão nomeadas, entre elas a *Taprobana Insula* (a Sumatra, representado erroneamente no lugar do Ceilão, o Sri Lanka), o *Seylam* (o Ceilão, o Sri Lanka, representado erroneamente no lugar da Sumatra), Java Menor (Java) e Java Maior (Bornéu).

A Ilha de Madagascar, no litoral sul da África, também aparece representada. No Sul da África – cuja circunavegação é demarcada por vários padrões portugueses –, há uma representação de nativos. Acima, um elefante. À esquerda há uma inscrição indicando a presença de etíopes antropófagos. Na Guiné, há uma inscrição indicando a localização do *Regnum Musa Meli*, o Reino de Mansa (Rei) Musa de Mali, o mais importante Império muçulmano da África na Idade Média. Também estão representados os rios Senegal e Níger – que deságua na Nigéria –, e o Rio Nilo, no Egito. O Mar Vermelho. E as montanhas

do Atlas Saariano. A costa mediterrânea, ocidental e oriental da África já está quase toda nomeada. Há uma bandeira de Portugal na altura da Ilha da Madeira, e outra dos reinos Leão e Castela na altura das Ilhas Canárias.

Na Europa, há duas bandeiras de Portugal, no litoral dos Açores, e no continente, uma bandeira do Reino de Castela, no Norte da Espanha, duas bandeiras com o símbolo da flor-de-lis, no Norte e no Sul da França, duas bandeiras com as duas águias símbolo do Império Romano, na Itália e na altura da Grã-Bretanha, e duas bandeiras árabes na altura do Oriente Médio, no Mar Mediterrâneo, e em Constantinopla, no Mar Negro.



Planisfério *Universalis Cosmographia secundum Ptholomei Traditionem et Americi Vesputii aliorum Lustrationes*, na introdução *Cosmographia Introductio*, da edição da *Geographia*, de Cláudio Ptolomeu, de Martin Waldseemüller, de 1507

6.10. Carta *Tabula Terra Nova*, Martin Waldseemüller, da edição da *Geographia*, de Cláudio Ptolomeu, de 1541

Na edição de 1541, Martin Waldseemüller omite o nome de “América” e dá ao “Novo Mundo” a denominação de “Terra Nova”. Martin Waldseemüller não ignora mais a contribuição de Cristóvão Colombo e escreve: *Hec terra aum adjacentib insulis inuena est per Cristoferum Columbum ianuensem ex mandato Regis Castelle* (Esta terra e as ilhas adjacentes foram descobertas por Cristóvão Colombo a mando do Rei de Castela). O Brasil é denominado de “Terra Papagali”, devido à presença de papagaios.

O mapa é graduado através de uma escala numérica. A Linha do Equador, e os Trópicos de Câncer ou Verão e de Capricórnio ou Inverno estão representados.

No litoral do Brasil, na foz do Rio Grande, o Rio Amazonas, a água do mar é doce. À direita, há uma inscrição *Canibales*. Há um desenho e uma inscrição denominando a localização do Monte Pascal, a primeira terra que a expedição portuguesa de Pedro Álvares Cabral avistou quando “descobriu” o Brasil, e de Porto Seguro, o lugar onde desembarcaram. No interior há uma representação de índios vestidos com penas, praticando uma cena de antropofagia, carregando e comendo pedaços de pernas e braços humanos. Era um costume dos índios tupinambás esquartejar, depois de mortos, seus inimigos. E da *Antropofhagihic fiint*: a preguiça.

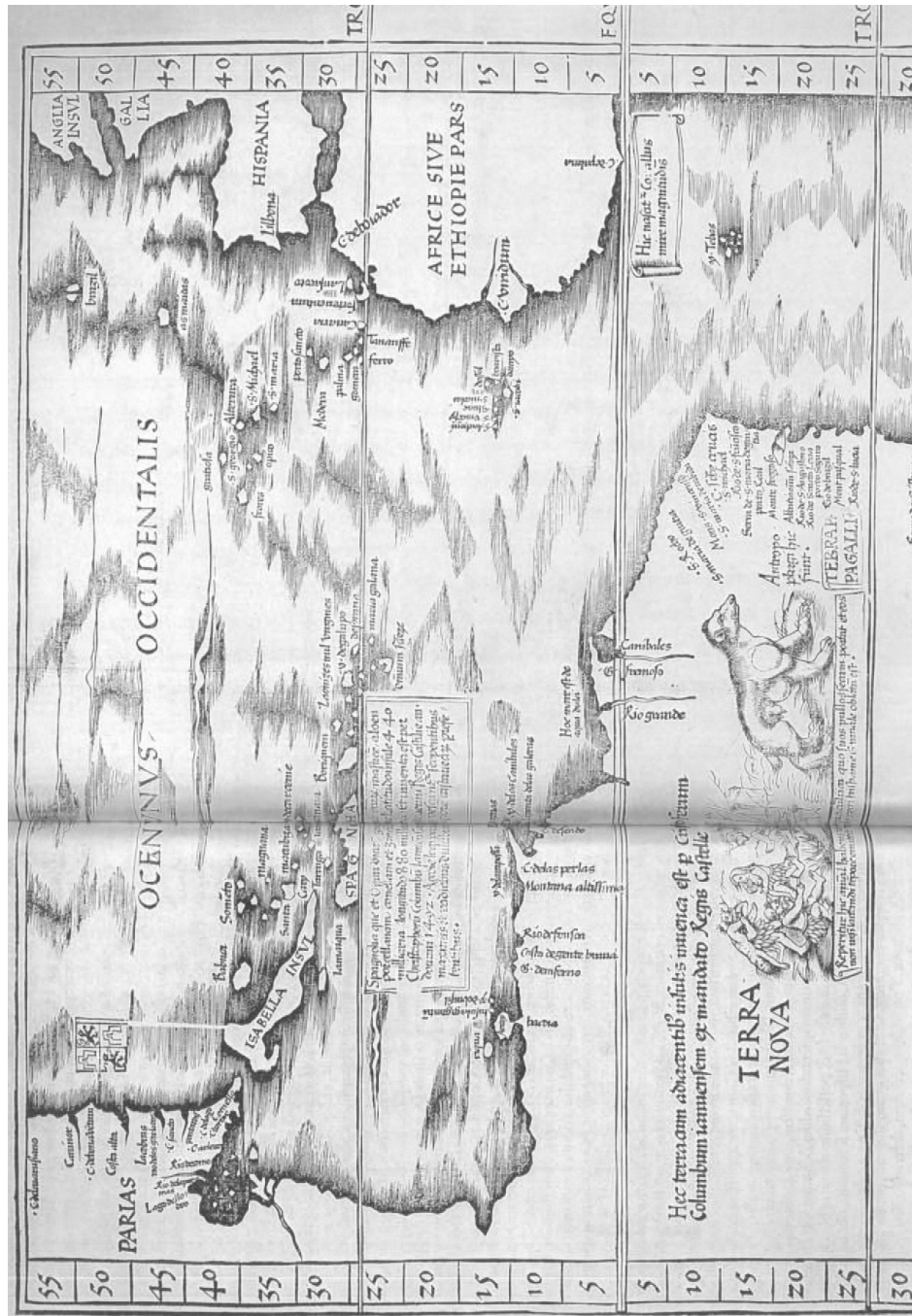
Na região do Caribe estão representadas as Ilhas Espanholas (o Haiti e a República Dominicana), onde Cristóvão Colombo aportou em 1492, e a *Isabella Insula* (Cuba), encimada por uma bandeira com os símbolos da união dos reinos de Leão e Castela. O litoral da Flórida já está nomeado.

O Oceano Ocidental (o Oceano Atlântico) é desenhado com suas correntes marítimas em ziguezague.

Na altura da Etiópia, no Norte da África, o arquipélago da Madeira e Cabo verde estão nomeados. Também estão representados o Cabo Bojador e o Rio Senegal.

Na Europa estão representadas Lisboa, a Espanha, a Gália (a França), a *Anglia Insula* (a Grã-Bretanha, a Inglaterra e a Escócia). E na altura da Irlanda,

está representada a mítica “Ilha Brasil”. O arquipélago das Canárias está nomeado.



Carta Tabula Terra Nova, Martin Waldseemüller, da edição da Geographia, de Cláudio Ptolomeu, de 1541

6.11. *Atlas Miller*, de Lopo Homem, Pedro e Jorge Reinel, de 1519

Em 1834, os “miguelistas” foram derrotados, e o Visconde de Santarém, que trabalhou para D. Miguel I (1828 – 1834), “o Absolutista”, se exilou em Paris, onde comprou um Atlas produzido pelos cartógrafos portugueses Pedro e Jorge Reinel. Em 1856, Manuel Francisco de Barros e Souza de Mesquita de Machado Leitão e Carvalhosa morreu, e o Atlas foi vendido a Clement Muller, que o conservou inédito enquanto viveu. Em 1897, o Atlas foi incorporado ao acervo da Biblioteca Nacional da França, e denominado de *Atlas Miller*.

Em 1930, foi leiloado, em Londres, um mapa-múndi com uma legenda: “Esta é a carta de todo o mundo conhecido até hoje do qual eu, Lopo Homem, cosmógrafo, comparando muitas outras tanto antigas quanto modernas, debuxei com grande aplicação e diligente trabalho na ilustre cidade de Lisboa, no ano de Nosso Senhor de 1519, por mandado de Manoel, ínclito Rei de Portugal”. Foi concluído, então, que o mapa-múndi de Lopo Homem fazia parte do *Atlas Miller*, de Pedro e Jorge Reinel.

O curioso é que, em 1519, Pedro e Jorge Reinel também estiveram em Sevilha, na Espanha, rival de Portugal, onde fizeram as cartas da expedição de Fernão de Magalhães. Portanto, o *Atlas Miller* é um Atlas incompleto, que tinha como objetivo desincentivar a viagem de circunavegação do Globo dos espanhóis. As cartas do *Atlas Miller* representam o Brasil e o Atlântico Sul, as Antilhas e os arquipélagos dos Açores, da Madeira, das Canárias, e de Cabo Verde, na África, o Mar Mediterrâneo, o Atlântico Norte e o Norte da Europa, o Oceano Índico, a Etiópia, a Arábia Saudita, a Índia e a Ilha de Sumatra, o Mar da China e as Ilhas Molucas.

O *Atlas Miller* é artisticamente decorado – ele foi iluminado pelo miniaturista flamengo, da região de Flandres, entre a Bélgica e a França, Antonio de Holanda –, o que significa que é um exemplo de “carta para príncipe”. Mas o fato dele ser incompleto indica que ele não foi produzido para o Rei D. Manuel I, de Portugal, dar de presente para o Rei D. Francisco I (r. 1515 – 1547), da França, e sim a sua esposa, a Rainha D. Leonor, irmã do Rei Carlos I, de Espanha, ou Carlos V, Imperador do Sacro Império Romano Germânico.

No mapa-múndi está representada a Linha do Equador, na cor ouro, os Trópicos de Câncer ou Verão e de Capricórnio ou Inverno, além de outros paralelos ou latitudes ou climas. Mas o planisfério também é graduado através de

um sistema de rosas-dos-ventos de 32 rumos, apontando para o Norte. Além de um tronco de légua.

A carta representa o Império Português do Oriente. Em 1519, Portugal detinha o monopólio da rota marítima para as “Índias”, para as Ilhas Molucas, de onde vinham as especiarias. Portanto, a posse do litoral da Etiópia, da Índia, e várias ilhas do Oceano Índico, estão demarcadas com bandeiras de Portugal. O *Mare Indicum* aparece navegado por caravelas portuguesas, identificadas com a Cruz da Ordem de Cristo, mas também por navios árabes, identificados com a lua crescente, e juncos de bambu chineses, devido à proximidade do Mar do Sul da China. Também estão representados o Mar Vermelho, os rios Tigre e Eufrates, o Golfo Pérsico, o Mar da Arábia, os rios Indo e Ganges, e o Golfo de Bengala. E as ilhas do Ceilão (o Sri Lanka) e da Taprobana (Sumatra).

Várias cidades fortificadas, acasteladas e torreadas, de vários estilos arquitetônicos, estão representadas, entre elas, Meca, o Centro do Mundo muçulmano.

A fauna e a flora aparecem exoticamente representadas. Na Etiópia, na altura da cidade de Berbera, aparece representado um berbere montando um cavalo, usando um turbante, e hasteando uma bandeira, semelhante a um árabe. Os habitantes da Etiópia tinham mais contato com os habitantes da Arábia Saudita, do que com os habitantes do Egito. Na Arábia Saudita, na região do deserto, aparecem representados dois camelos, carregados de mercadorias, conduzidos por um homem negro. Na região da Pérsia, aparece representado um leão, e quatro falcões. Na Índia Intra-Ganges aparece representados dois elefantes cinzas, símbolos do poder régio indiano, e um rinoceronte. No Sudeste Asiático, aparece representado um grifo. Há várias espécies de árvores representadas.

Na Arábia Saudita ou Arábia Feliz, na região da cidade de Adem, está representada uma figura vestindo uma túnica azul, usando um turbante, calçando uma sapatilha, segurando uma espada oriental, e portando um escudo vermelho. Na Índia, estão representados dois nativos, vestindo sungas azuis, segurando espadas orientais, portando escudos vermelhos, e usando capacetes.



Atlas Miller, de Lopo Homem, Pedro e Jorge Reinel, de 1519

6.12. Mapa-múndi de Pierre Desceliers, de Arques, na França, de 1546

Pierre Desceliers é um cartógrafo da “escola” de Dieppe – que nasceu das “escolas” cartográficas portuguesas –, cidade vizinha a Arques, na Normandia, no Norte da França.

O planisfério de 1546 é artisticamente decorado, o que significa que é um exemplo de “carta para príncipe”, produzido para o Rei Francisco I (r. 1515 – 1547), da França.

O mapa-múndi é emoldurado com as figuras dos ventos, representados por anjos e caveiras, denominados com o nome dos lugares onde sopram. Nota-se que as caveiras estão representadas na altura da “Terra Incógnita”, onde está representada uma árvore, seria “Terra Incógnita” e a árvore um deslocamento do “Paraíso Terrestre”, que não está localizado no Oriente nem na América? Há uma referência a “Terra do Fogo”, representada por uma ilha na cor vermelha, e o Estreito de Magalhães também aparece denominado. O Mar do Sul, o Oceano Pacífico, também é denominado de Mar Pacífico ou de Magalhães.

O Trópico de Capricórnio ou de Inverno e a Linha do Equador estão representados. Mas o mapa não é coordenado através de meridianos e paralelos, ou longitudes e latitudes, mas através de um sistema de rosas-dos-ventos de 32 rumos, apontando para o Norte e para o Leste, indicando a direção de Jerusalém, a “Terra Santa”. E dois troncos de légua. Nota-se que abaixo da Linha do Equador, o mundo vira “de cabeça para baixo”, uma referência aos Antípodas, que aparecem representados na altura da Venezuela, vestindo cocares e carregando arcos e flechas, fisicamente semelhantes aos Canibais, representados na região da Amazônia, no Brasil.

No litoral da Bahia, há um caldeirão fervendo, e uma cena de índios canibais cortando pedaços do corpo de um homem. É importante lembrar, já que Pierre Desceliers é um cartógrafo francês, e que o planisfério é um mapa-múndi da “escola” cartográfica de Dieppe, na França, que os cruzados franceses também praticavam a antropofagia durante as Cruzadas. Mas os índios brasileiros também aparecem cortando e carregando pedaços de pau-brasil, cuja cor da madeira por dentro é vermelha, e em cenas cotidianas, como dormindo em redes dentro de

ocas, cujos telhados são representados em forma de tesoura, uma referência aos telhados europeus.

O Oceano Atlântico aparece povoado de monstros marinhos. Também estão representadas três caravelas – uma na altura da foz do Rio Amazonas, outra na altura do Rio de Janeiro, e outra na altura de Salvador – e uma canoa. O litoral da América Portuguesa aparece todo nomeado, desde a foz do Rio Amazonas até o Rio da Prata, representados povoados de ilhas, no Oceano Atlântico, e o da América Espanhola, desde as Antilhas, no Mar do Caribe, até o Peru, no Oceano Pacífico.

Na altura do Peru, está representada uma guerra entre os espanhóis, portanto armas de fogo, montando cavalos brancos, e hasteando bandeiras, e os índios, segurando arcos e flechas. A cena é uma referência a Conquista do Peru, por Francisco Pizarro, em 1532. Os índios peruanos, assim como os mexicanos, não conheciam cavalos, e confundiram os espanhóis com os mensageiros do deus inca Viracocha, assim como o deus asteca Quetzalcóatl, que, segundo a profecia, chegaria a humanidade.⁴ Também aparece representada uma lhama, a única pecuária das Américas.

Os espanhóis também estão representados apontando canhões para a cidade de Cuzco – a capital do Império Inca, que se estendeu desde Quito, no Equador, até o Chile e a Argentina – cercada por uma muralha, escondida na Cordilheira dos Andes, guardada por um Rei branco, sentado em um trono, vestindo um manto vermelho, e usando uma coroa de ouro. No século XVI, os Reis de Espanha chegaram a enviar várias expedições às regiões das minas de prata e do Rio da Prata, em busca do lendário “Rei Branco”, o rei de uma cidade cujas riquezas eram incomparáveis.

Há uma cena confusa em que aparecem representadas diversas personagens. O Vice-Rei do Peru, coroadado, vestindo um manto vermelho, sentado em um trono, segurando um cetro? Um índio nu sendo jogado em um buraco? Duas mulheres espanholas, usando vestidos? Três conquistadores espanhóis, vestindo roupas com caudas que se assemelham aos rabos de animais? Dois mineiros garimpando o ouro e a prata? Assim como havia uma guerra civil entre os conquistadores, pelo ouro e pela prata, e entre os conquistadores e os vice-reis

⁴ Cf. Carlos FUENTES. *O espelho enterrado: reflexões sobre a Espanha e o Novo Mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

pelo poder, os conquistadores encontraram uma guerra civil entre os incas. Abaixo, há uma cena de guerra entre duas tribos indígenas inimigas, uma de índios nus, e outra de índios vestidos com penas vermelhas.

Na região da Patagônia, ao invés dos gigantes patagãos, estão representados animais míticos como um dragão cuspidor de fogo, em direção a um índio atirando com um arco e flecha, e dois grifos. Os grifos, que tem o corpo de leão – o que simboliza o domínio da terra –, e a cabeça e as asas de águia – o que simboliza o domínio do céu –, representam Jesus, metade homem, metade Deus.

Também estão representados animais reais, como a pantera, que hiberna por três dias, assim como Jesus ressuscitou ao terceiro dia, e cuja voz, doce, amedronta e afasta o dragão. E um cervo, que come serpentes, símbolos do mal, animais psilotérmicos, endotérmicos, de temperatura fria, que absorvem calor do meio externo, ao contrário do homem.



Mapa-múndi de Pierre Desceliers, de Arques, na França, de 1546

6.13. Mapa-múndi de Pierre Desceliers, de Arques, na França, de 1550

O planisfério de Pierre Desceliers, de 1550, também é artisticamente decorado, o que significa que é um exemplo de “carta para príncipe”, produzido para o Rei Henrique II (r. 1547 – 1559), da França. À esquerda está representado o Brasão de Armas da França, um escudo azul com três flores-de-lis, encimado por uma coroa de ouro, e circundado por uma coroa de frutos. O mapa-múndi também é emoldurado com as figuras dos ventos, representados por anjos, denominados com o nome dos lugares onde sopram.

O planisfério é graduado através de um sistema de rosas-dos-ventos de 32 rumos, apontando para o Norte, em forma de uma flor-de-lis, e para o Leste. Além de duas escalas métricas e de um tronco de légua. Também estão representados a Linha do Equador e o Trópico de Capricórnio ou Inverno, abaixo do qual está localizada a zona tórrida.

Estão representados o Mar das Antilhas, o Mar do Sul, o Mar de Magalhães, e o Mar Austral. O Mar Austral banha a “Terra Austral”, cujo litoral está nomeado e em cujo interior estão representadas montanhas e árvores, que pode ser uma referência à Austrália. Também há uma referência à “Terra do Fogo”, representada por uma ilha na cor vermelha, na altura do Estreito de Magalhães.

A América é denominada América ou Brasil, e descrita por um texto emoldurado na cor ouro. Abaixo, na região da Patagônia estão representados dois gigantes patagãos, de feições monstruosas. O Oceano Atlântico ainda aparece povoado de monstros marinhos como a Serra, perseguindo peixes-voadores, duelando com um dragão voador, no Mar Austral.

Na América Espanhola, na altura do Peru, está representada uma guerra entre os espanhóis, armados de canhões, e os índios, armados de arcos e flechas. Há uma inscrição que revela que a cena é uma referência à Conquista do Peru, por Francisco Pizarro, em 1532. Há um marco em forma de pirâmide. Também estão representados dois homens garimpando ouro. Minas de prata. E fortalezas.

O “Rei Branco” aparece representado coroadado, sentado num trono, vestindo um manto vermelho, segurando um cetro. À esquerda, ocas indígenas.

O litoral Pacífico, do Caribe e Atlântico das Américas está nomeado, inclusive as Antilhas, a Ilha de Trindade e a Ilha de Fernando de Noronha. O Rio

Amazonas e o Rio da Prata aparecem povoados de ilhas. Caravelas francesas e portuguesas, e um navio árabe estão representados, trocando tiros na altura do Mar de Magalhães. A cidade de Cabo Frio, um dos lugares onde foi encontrada a presença de franceses da França Antártida, está nomeada.

Na foz do Rio Amazonas há uma inscrição indicando a presença de índios canibais. Mas os índios brasileiros aparecem representados em cenas cotidianas, nus ou vestidos com penas vermelhas e verdes, como duas tribos – uma armada com porretes, e outra com arcos e flechas – em guerra, e dormindo em redes em ocas com telhado em forma de tesoura. No Brasil também aparecem representados três papagaios, símbolos da “Ave do Paraíso”, e um macaco, um “homem com rabo”.

À direita, o litoral ocidental da África está nomeado. Na altura da Guiné, está representado o Rei de Mali, coroadado, sentado num trono, vestindo um manto vermelho e segurando um cetro, e três homens negros, um se ajoelhando. Também aparecem representados a Fortaleza de São Jorge da Mina, um entreposto de ouro, e ocas indígenas. A flora e a fauna africana estão representadas por palmeiras, e por elefantes, um branco, um marrom e um cinza.



Mapa-múndi de Pierre Desceliers, de Arques, na França, de 1550

6.14. Carta *Brasil/Patagônia*, do *Atlas de Diogo Homem*, de Diogo Homem, de 1558

O mapa *Brasil/Patagônia*, do *Atlas de Diogo Homem*, de Diogo Homem, de 1558, é artisticamente decorado e emoldurado.

A carta é graduada através de um sistema de rosas-dos-ventos de 32 rumos, apontando para o Norte, em forma de uma flor-de-lis, e para o Leste, em forma de uma cruz, indicando a direção de Jerusalém, a “Terra Santa”. Além de um tronco de léguas. A Linha do Equador e o Trópico de Capricórnio ou Inverno estão representados. Há duas inscrições indicando as direções do Ocidente (Oeste) e do Oriente (Leste), e duas inscrições indicando os hemisférios Setentrional (Norte) e Meridional (Sul).

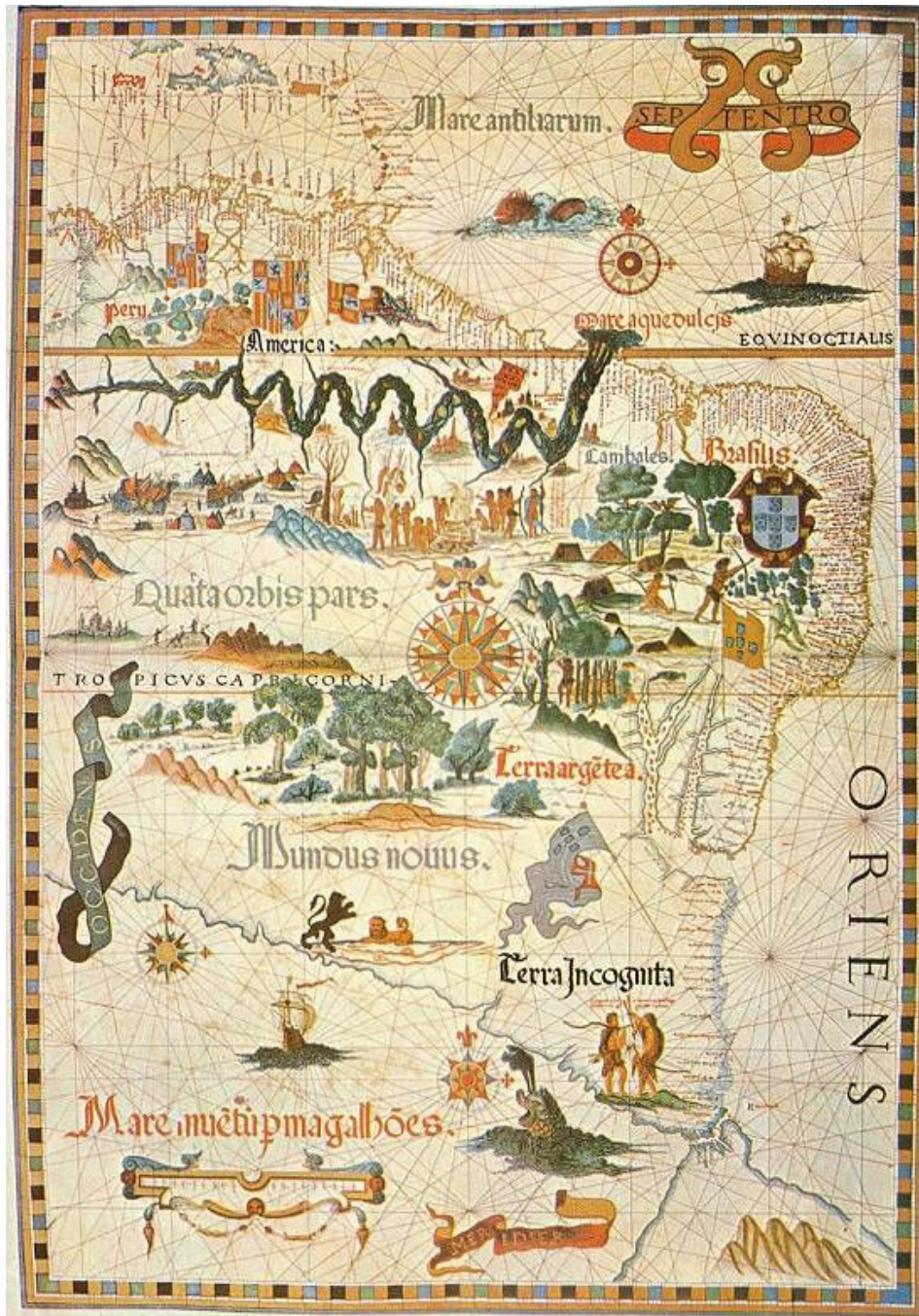
A América também é denominada de *Quarta Orbis Pars* e de “Mundo Novo”. O Peru, a terra *Brasilis* (o Brasil), a *Terra Argentea* (a Argentina), e a “Terra Incógnita” (a Patagônia), também estão denominadas. Na América Espanhola, há um Brasão de Armas e duas bandeiras dos reinos de Leão e Castela, indicando a posse da Espanha. E na América Portuguesa, um Brasão de Armas e duas bandeiras – uma na região da Argentina, possivelmente indicando a posse do Rio da Prata. Mas o Tratado de Tordesilhas não aparece representado.

O Mar das Antilhas, o Mar de Água Doce, na altura da foz do Rio Amazonas, e o Mar de Magalhães estão representados. Há duas caravelas representadas, uma no Oceano Atlântico, outra no Pacífico, que podem ser portuguesa e espanhola. O Rio Amazonas e o Rio da Prata aparecem representados povoados de ilhas. Na foz do Rio Amazonas há uma inscrição indicando a presença de índios canibais, e a representação de cenas de antropofagia. Mas os índios brasileiros também aparecem representados em cenas cotidianas, caçando com o arco e flecha, cortando pau-brasil, e habitando ocas com telhados em forma de tesoura. Também estão representados papagaios e uma águia, a “rainha dos ares”, na cor ouro, que simboliza o céu e representa a ascensão de Jesus, e a soberania do Império Português.

O Oceano Atlântico ainda aparece povoado de monstros marinhos, como a Serra. No Oceano Pacífico, na altura do estreito de Magalhães, está representada uma Hidra – cujo nome, em grego, significa água, uma serpente aquática

encontrada no Rio Nilo, no Egito –, lutando com um crocodilo. O crocodilo, que representa o diabo, dorme de boca aberta. A Hidra, que representa Jesus, entra em sua boca, passa pela garganta, come o estomago, e sai pelo intestino, matando o crocodilo.

Na América Espanhola, na altura do Peru, está representado um acampamento de conquistadores espanhóis. E abaixo, a cidade de Cuzco, e índios trabalhando em uma mina de prata. Na região da Patagônia aparecem representados dois gigantes patagãos. A “Terra do Fogo” também está representada. À esquerda, aparecem representadas duas figuras de leões. Um representa o animal africano, que simboliza a soberania do Império Português, e outro o Reino de Leão, na Espanha.



Carta *Brasil/Patagônia*, do *Atlas de Diogo Homem*, de Diogo Homem, de 1558

6.15. Carta *Brasil*, de Giovanni Battista Ramusio, de 1557

Giovanni Batista Ramusio foi um geógrafo, historiador e cartógrafo italiano, que publicou, em 1550, 1554 e 1557, em Veneza, os três volumes de sua obra *Delle navigationi et viaggi* (Navegação e Viagem), sobre os descobrimentos marítimos ibéricos. Os dois primeiros volumes descrevem as navegações e viagens à África e a Ásia, e o terceiro à América, onde se encontra o mapa *Brasil*.

O mapa representa a costa do Brasil desde o Maranhão até o Rio da Prata, descoberto em 1515 pelo navegador português João Dias de Solis, como está inscrito, na época a serviço da Espanha. O Brasil é representado em forma de uma ilha. Várias cartas quinhentistas delineiam os contornos da “Ilha-Brasil”, de proporções continentais, delimitada pelos cursos dos rios Amazonas e do Prata. Segundo o Padre Simão de Vasconcelos, em *Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil: e do que obrarão seus filhos nesta parte do Novo Mundo... algumas notícias antecedentes curiosas, e necessárias das coisas daquele Estado*, o Amazonas e o Prata eram “duas chaves de prata que fecham a terra do Brasil” ou “dois gigantes que a defendem e a demarcam entre nós e Castela”. Essa lenda luso-tupi teria sido criada pelos índios e utilizada pelos portugueses com o objetivo de demarcar uma fronteira “natural” entre as Américas Portuguesa e Espanhola.

O Oceano Atlântico ainda aparece povoado de monstros marinhos como a Serra. E navegado por caravelas portuguesas, e francesas, com o símbolo da flor-de-lis. Na altura da Ilha de Marajó, onde desemboca o Rio Amazonas, onde há uma canoa com dois nativos, a água do mar é doce. A Ilha de Fernando de Noronha também está representada.

O interior do Brasil, na direção do poente, oposta a direção do levante, é denominado “terra não descoberta”. Portanto, há um desenho de vulcão, que representa uma abertura, uma passagem para o inferno.

Os índios brasileiros são representados em cenas cotidianas como e a caça com o arco e flecha, o corte do pau-brasil, o aleitamento materno, e o descanso em redes. Apesar das ocas indígenas estarem representadas com o telhado em forma de tesoura, semelhante aos telhados europeus. Mas não há nenhuma cena nem referência a prática do canibalismo ou da antropofagia. O relacionamento de um

índio com um francês e um português, que lhe oferece um cálice – semelhante ao Santo Graal – de vinho – que simboliza o sangue de Cristo e o sacramento da eucaristia, que as Missões iria se incumbir de dar aos índios –, é cordial.

Também são representados três macacos, cinco animais que se assemelham aos camelos, mas que poderiam ser lhamas, e seis papagaios – que simbolizam a “Ave do Paraíso” – ou araras – que simbolizam a presença de ouro – verdes e com as penas coloridas de vermelho, azul e amarelo.

6.16. Carta *Delineratio Totis Australis Partis Americae...*, de Arnold Florent van Langren, de 1596

Arnold Florent van Langren foi membro de uma importante família de produtores de globos holandeses, residentes em Antuérpia, na Bélgica. Seu pai, Jacob Florent van Langren, nasceu em Utrecht, mas se mudou para Amsterdam, na Holanda, onde Arnold nasceu. Seu filho, o cartógrafo belga Michael Florent van Langren, foi cosmógrafo oficial do Rei espanhol Filipe IV de Habsburgo, na Áustria, quando os Países Baixos foram anexados pela Espanha.

O mapa-múndi é emoldurado em ouro.

O mapa é graduado através duas escala de milhas germânicas e léguas espanholas, mas sua principal coordenada é dada por uma rosa-dos-ventos de 32 rumos, com o Norte em forma de flor-de-lis, e o Leste em forma de cruz, apontando para a direção Jerusalém, a “Terra Santa”, localizada entre o Brasil e a região Peruviana, na altura da desembocadura do Rio da Prata. A Linha do Equador e o Trópico de Câncer ou Verão e de Capricórnio ou Inverno também estão representados.

O mar está povoado de monstros marinhos como a Serra, e uma baleia, com duas narinas por onde esguicha água, ameaçando uma caravela, com a bandeira da Cruz de Borgonha, do Rei de Espanha, na altura do Estreito de Magalhães, entre a América do Sul e da Terra do Fogo. Há mais duas caravelas representadas, uma também de nacionalidade espanhola, e outra estrangeira.

Os cabos, os rios, as ilhas, as terras, os golfos, os lagos, as baías e as pontas do litoral da Terra do Fogo – erroneamente representada na Antártica, e não no Sul do continente Americano – estão nomeados, e seus nomes indicam que a Terra do Fogo é um lugar propício à prática da pesca, como Terra da Pescaria, Rio dos Pescadores e Golfo da Pescaria. Na região da Patagônia estão representados dois Gigantes Patagãos de feições monstruosas, segurando um arco e flecha e um porrete e portando um escudo de proteção. A Cordilheira dos Andes, que vai do Chile até a Venezuela, também está representada.

No sul da região Peruviana, perto da mina de prata de Córdoba, na altura da Argentina, está representada uma cena de perseguição entre três índios, dois armados com um arco e flecha e um porrete. Acima, no centro da região

Peruviana, na altura do Paraguai, está representada a fera que os habitantes da América chamam de *Haute*, e os índios tupinambás de *Hay*, com corpo e rabo de macaco, pele acinzentada, três garras em cada pé, e rosto de homem, *neque cibum capere, neque poto ali, neque alio alimento, quam haustus aeris vivere* (que não come, que não bebe, que se alimenta de vento): a preguiça. À esquerda, na altura da Bolívia, há dois animais de orelhas compridas, que se assemelham aos cachorros, mas poderiam ser também cabras, ou lhamas, animais da mesma espécie que os camelos. E acima, à direita, em uma das margens do Rio Amazonas, uma fêmea amamentando. Na região de Charcas, na altura da fronteira do Peru com a Bolívia, está localizado o Lago Titicaca. Também estão representadas importantes minas de prata, como as de Potosi, La Paz, abaixo da cidade de Cuzco, antiga capital do Império Inca, e de Lima, *cidade de los Reyes* (cidade dos Reis), capital do Império Espanhol. Na região do Equador, da Colômbia e da Venezuela, *Castilia del Oro* (Ouro de Castela), estão representadas as cidades de Quito, Cali, Bogotá, Cartago, Cartagena, Mérida, e a Ilha de Trindade. A água da foz do Rio Orenoco é doce, *Rio Dulce*.

Na América Central e na América do Norte estão representados o Lago da Nicarágua, com a mina de Granada, a Península de Iucatan, no México, com a ilha de Cozumel, e a Flórida. Além das ilhas de Cuba, da Jamaica, as Bahamas, o Haiti e a *Hispaniola*, a República Dominicana, Porto Rico, e as Antilhas.

Na região de Brasília, no Brasil, os índios estão representados em cenas de caça, de guerra, armados com porretes e um arco e flecha, e de canibalismo ou antropofagia, cortando pedaços de corpos humanos, e colocando na grelha para assar. Também estão representadas duas ocas, que mais se assemelham aos fornos de carvoarias. O Rio Amazonas aparece povoado de ilhas. A Ilha de São Luis, do Maranhão, está deslocada para o interior do continente, com a forma de um lago. Assim como o da América Espanhola, o litoral já está todo nomeado, incluindo o Rio São Francisco, que nasce em Minas Gerais e deságua em Sergipe, a Baía de Todos os Santos, Porto Seguro, o Monte Pascoal, a *Baja Formosa* (a Baía Formosa, a Baía de Guanabara), o Rio de Janeiro, Angra dos Reis, a Ilha de São Sebastião, Santos, e a Ponta de Santa Catarina (a Ilha de Florianópolis). Assunção, no Paraguai, está em território brasileiro. Do outro lado do Rio da Prata – em cuja altura aparece a inscrição *Baixos dos Castellanos*, indicando a posse dos Reis de Castela, da Espanha –, que também aparece povoado de ilhas, o *Rio de Buena*

Sarres, Buenos Aires. Na junção dos Rios Amazonas e Prata, ou Rio Paraná, está localizada a *Lacuna del dorado*, a Lagoa do Eldorado.



Carta *Delineratio Totis Australis Partis Americae...*, de Arnold Florent van Langren, de 1596